FALAR-SE NEGRO, PENSAR-SE NEGRO: SER NEGRO

Negro, preto, triste, sujo, cor, melancolia, pessoa, perversidade; todos e quantos mais adjetivos negativos estão associados à palavra negro? É no domínio da linguagem que esses adjetivos se somam para caracterizar o sujeito negro. É possível que quando chamemos alguém de negro desejemos fazer referência a tantas coisas simultaneamente? Talvez. Mas, o que nos interessa no momento não é fazer um apanhado dos inúmeros significados que a palavra negro possa assumir, e sim verificar que é primeiramente no espaço da linguagem que o negro é configurado como um ser negativo. É o "negrinho" que vende "troços" na rua; é o "pivete"; é aquele "pretinho" que mora ao lado; é aquela "preta feia" etc. Também é a "minha preta" do marido carinhoso; a "pretinha" do namorado; "meu nego" da amante saudosa, o "negrinho da mamãe"... O ser do negro, percebido em parte pelos traços físicos, é acentuado pela linguagem. Assim, o Carlos, o João, pessoas negras, deixam de ser sujeitos/substantivos para serem objetos/adjetivos. É pela linguagem que se percebe a transformação do indivíduo negro em algo complementar. Nos cabe pensar quais as consequências que tal forma de tratamento pode acarretar à compreensão de si para um ser que desde sempre foi tratado com alguém despossuído de

suas características pessoais para ganhar uma única, geral e tida quase sempre como negativa que é o ser negro.

O nomear da linguagem, ou melhor, o nomear que só é possível por intermédio da linguagem é algo muito sutil. Se em alguns momentos nomear é fazer ser, o verbo se torna a própria ação, em outros, os nomes perdem completamente a importância passando a ser meros sinais indistintos das coisas do mundo. No caso presente, sabemos que ocorre uma transferência ou deslisamento onde um sujeito perde suas características individuais e passa a ser definido por um conjunto de características abstratas que se reúnem sob o signo "negro" que toma o seu lugar. As pessoas que correspondem a esse signo passam a ser tratadas de acordo com as representações definidas por eles. Mas, será que o sujeito negro ao ouvi-la introjeta esta mesma linguagem e passa a utilizá-la com relação a si mesmo e a seus iguais? Quais serão os componentes presentes neste ato de fala que fazem com que uma pessoa, ao reproduzir um nome, esteja designando as mesmas coisas que uma outra quando utilizou-se deste mesmo nome?

É **sabido**, desde os primeiros estudos sobre as afasias ainda no século XIX, que a palavra tem uma importância fundamen

tal para o conhecimento que o homem tem de si e do mundo. Foi Freud quem nos chamou a atenção, de forma mais detalhada e enfática, para o fato de que são as imagens acústicas, aquilo que primeiramente ouvimos, que vão nos oferecer condições para estruturar todo o nosso aparelho psíquico em termos do conhecimento e representações de palavras e objetos. Em outros termos, é através das imagens que formamos dos sons que ouvimos que organizamos e aprendemos a organizar todas as nossas representações associando uma a outra incessantemente. As imagens acústicas, aquilo que vai nos possibilitar o ato de fala, estão intimamente ligadas ao ato de pensar.

É com Freud também que podemos aprender que todas essas representações organizadas através das imagens acústicas e que, associadas entre si formam o que chamamos pensamento, não estão isentas de uma carga afetiva, ou seja, não são representações tecidas exclusivamente entre cadeias de idéias desvinculadas das ocorrências corpóreas, mas que carregam consigo sinais do corpo e da mente: são representações afetivas. Não há aqui um pensamento que pensa a si mesmo, mas que pensa o corpo.

As representações afetivas podem gerar distúrbios e sin

tomas quando entram em conflito com outras as quais são contrastantes. Quase sempre este conflito surge quando o corpo deseja algo que a sociedade e a moral interditam. E o corpo padece; e a representação docorpo torna-se confusa e tumultuada. Entretanto, o conflito entre representações define algo muito mais específico do que o existente entre o homem e a sociedade: é conflito entre o ato e a possibilidade de nomear o ato, entre a ação é a possibilidade de reconhecê-la como "minha" ação, entre o corpo que deseja e a possibilidade de reconhecer o corpo desejante como corpo próprio. O homem tornar-se incapaz de falar deste corpo que ele desconhece como sendo seu e, portanto, o nega.

Traduzir o conflito psíquico como originário dado luta entre representações contrastantes ligadas pela palavra, pela fala, nos auxilia muito em nossa tarefa, pois é a linguagem o polo de união entre o psíquico e o social. É através dela que nos relacionamos com o mundo externo de forma mais ampla. Mas como esta linguagem chega a nós?

Sabemos que toda criança aprende a linguagem quer verbal, quer gestual através da observação da mãe. Ora, é a mãe que em seu jogo de sedução tão bem descrito por Freud através da tra

ma edípica, convida, impõe, seduz o filho a compartilhar do mundo social do qual ela faz parte. A sedução materna é inevitável pois se confunde com a própria assistência que a criança necessita em seus primeiros momentos de vida, e, ao se tornar necessária, torna-se, também, universal. Porém, esta mãe que seduz não deixa de ser dotada de representações contrastantes e de viver conflitos entre o desejado e o moral. Tais conflitos serão inconscientemente transmitidos ao filho. Como uma mãe em conflito com sua própria identidade auxilia o filho na construção da sua? Uma mãe negra que não se assume como tal pode gerar um filho sem problemas no tocante a sua identidade?

Lorenzer, em seu livro Bases para una teoria de la socialización, nos descreve a relação mãe-filho como a forma primária de interação. É através desta relação que se forma o eu de cada um de nós pela unificação do biológico e do social. Para ele, o telos social direciona os fatores biológicos humanos.

À princípio, o autor substitui a idéia da unidade mãe pela díade mãe-filho como relação primária ou momento de socialização primária. Nesta díade, a relação pode se dar tanto na esfera verbal quanto pré-verbal, ou seja de símbolos e signos. É atra

vés desses signos e dos cuidados da mãe que o bebê vai organizando suas primeiras formas de sociabilidade. O que recebe e o que dá, as necessidades corporais do bebê e a assistência materna se configuram , assim,como polos de uma relação recíproca, dialética, onde a personalidade, o ego vai se definindo, gradativamente,através da atuação da mãe.

Mas no que consiste, de fato, a relação dialética mãe-filho? A mãe é pensada enquanto produto de sua própria história, um ser que age de acordo com sua inserção na ação global da sociedade, de acordo com o jogo de forças desta mesma sociedade, da forma como viveu seu nascimento e infância e da forma como suasua mãe, seus familiares, se colocavam dentro deste jogo de forforças sociais. Desta forma, a maneira de resposta corporal às necessidades ou pulsões acabam por ser guiadas, normatizadas, pelo conjunto de regras ou padrões sociais transmitidos pela mãe.

O filho, aquele que, em primeira instância, deseja ver suas necessidades satisfeitas, só pode obter isso no momento em que se dá a relação de interação com sua mãe. Os gestos da mãe possibilitam a saída do filho do processo unitário para o social (mãe-filho). Enquanto agente de socialização, a mãe, que opera

por gestos e palavras, pode agir como o trabalhador que, durante o processo de alienação não se reconhece no produto de seu trabalho; ela, por sua vez, pode ser incapaz de reconhecer como obra sua todo o processo de formação de uma nova subjetividade. Não reconhece que seus atos e palavras contribuíram para a formação de um ser alienado, ou pior, desconhece o próprio processo geral de alienação que envolveu a ela e a seu filho. Desconhece que cada palavra e cada gesto tem valor ontológico. É neste momento que se formam os clichês.

Os clichês são estruturas inconscientes não simbólicas que ocorrem quando há uma certa fratura sistemática no processo de socialização, ou seja, quando passa-se a reproduzir, inconscientemente, comportamentos cristalizados, linguística e socialmente, como normais, mas que, de fato, são apenas a reprodução naturalizada de um comportamento patológico. São estruturas não simbólicas, porque a linguagem não é capaz de nomear a inversão que houve em um dado momento histórico e assim, o próprio sujeito torna-se incapaz de nomeá-la ou de reconhecê-la. A mãe, apenas repete o que aprendeu em seu processo de socialização repetindo os clichês do que é ser mãe, do que é ser filho, do que é ser negro etc.

Tudo se passa como se fosse esperado um desenvolvimento no aprendizado humado que partisse da interação pré-linguística à linguagem, mas de modo a **propiciar** o ato de nomear, gradativa e adequadamente, de todas as formas de relação que vivesse. Entretanto, o que se percebe é que a ação da mãe, **governada** por uma praxis conflituosa, interfere no desenvolvimento do filho fazendo com que se mantenha, a nível inconsciente, a reprodução desta primeira relação cindida marcando para sempre o ritmo da relação da criança e, posteriormente, do adulto com a sociedade. Desta forma, gera-se no sujeito um conflito que, aparentemente, é insolúvel visto que se coloca fora da esfera da consciência, um conflito que impede o indivíduo de atuar concisamente na sociedade porque, não podendo compreender, nomear, sua própria ação, também não poderá compreender, nomear outras similares.

O fato das mães tentarem socializar seus filhos obedecendo as regras sociais, desloca os problemas e conflitos externos para uma esfera interior, e assim também é dada a resposta: o filho dirige seu ódio à esfera de interação interior (à família) e não pode compreender a complexidade das **esferas** geradoras de todos os conflitos que se encontra na sociedade. Criam-se, portanto, in

divíduos com ódio e ressentimento (inconsciente) de seus iguais e fracos para a luta contra as contradições sociais que alimentam este ódio e impedem a verdadeira relação de igualdade.

Mas, para que pode nos servir a minuciosa análise da relação de interação mãe-filho? Podemos observar que tal descrição pode aplicar-se perfeitamente no tocante a formação de comportamentos-clichês entre pessoas negras e que esta atitude deve-se a reprodução dos conceitos e práticas racistas cristalizados na sociedade e transmitidos através da linguagem. Não devemos nos esquecer de que pensamento e palavra estão intimamente associados e que ambos se referem ao corpo. Como, então, o sujeito negro, pensa seu corpo, seu ser diante a tantas falas ouvidas desde a tenra infância que tendem a desprezá-lo e a diminuí-lo?

Negro é sujo? negro é feio? negro é burro? negro é pobre? O que é ser negro?

Dentro de uma sociedade racista onde o ser negro vem carregado por uma gama de adjetivos negativos que se confundem ao próprio ser da pessoa negra, como uma mãe, ela também imiscuida nesta sociedade racista, representa o ser negro ao filho de forma a não produzir nele o ódio incosnciente por seu corpo e por seus

iguais? Como a prática familiar pode romper, superar tais contra-sensos sociais? A família negra sustenta ou não o processo de alienação?

À princípio, por uma questão de sobrevivência e necessidade política, toda as pessoas negras deveriam encarar-se como uma grande família: a comunidade negra brasileira, e dentro deste propósito, superarem unidas os preconceitos. Foi pensando assim que partimos para um trabalho de campo onde tentamos verificar até que ponto a família negra gerava filhos que se amassem ou se odiassem enquanto pessoas negras.

Diante de tudo que já foi apresentado, nada mais justo do que se pensar que cada pessoa negra reproduza, involuntariamente, as práticas linguísticas e sociais nas quais foram educadas e através das quais aprenderam a pensar o mundo e a si. Retomando a discussão até aqui elaborada sobre a formação de clichês e da palavra como estruturante do pensamento humano, vamos,agora, verificar se o negro, ao falar de si, manifesta ou não a presença dos clichês dispersos na sociedade e que representam a naturalização das idéias racistas. O conceito do belo é um fator importante para iniciarmos esta análise.

A idéia de beleza, amplamente discutida desde os gregos antigos até nossos dias, ora como a beleza em si mesma, ora como beleza dos atos ou do espírito ou ainda do corpo, o belo nunca pode ser medido, sempre implicou numa relação. Algo deixa de ser belo ou ganha beleza se comparado a outros tantos algos que, mediante certas regras, passam a ser considerados feios. Desta forma, o belo ou o feio variam de época para época de acordo com convenções ou normas, de região para região seguindo a própria mudança dos valores humanos.

Contrapondo-se ao grupo dos belos sempre haverá os feios feios definidos pela ausência das qualidades que marcam os primeiros. Estes serão os impossiblitados de consumir as belas coisas, os desprovidos de status social ou os despossuídos dos valores morais definidos como belos.

Chama-nos a atenção o fato do como à figura do negro é atribuída todas as características da anti-beleza, o anti-belo ou o que preferimos denominar como a configuração da estética negativa (ou beleza negativa), ou seja,o sujeito negro foi sendo despossuído de todos os símbolos de beleza quer morais quer materiais passando a ser, portanto, o feio.

Acreditamos que esta característica negativa do belo imposta aos negros pode ser encarada de duas formas: como uma forma de auto-valorização ou como uma forma de depreciação. Ambas as formas definem um tipo de comportamento, um certo clichê ao qual passaremos a analisar através das falas colhidas.

Como não poderia deixar de ser, a questão da beleza esteve presente ao longo das entrevistas de forma marcante. Ora como elogio à beleza negra ora como crítica, todos tocaram no assunto mesmo sem dar muita ênfase a ele. Alguns de forma espontânea, outros respondendo as questões formuladas anteriormente. A tônica das respostas percorriam a questão do negro achar-se e sentir- se belo naturalmente (sem o auxílio de complementos), ou do negro só considerar-se belo com auxílio de complementos que o assemelhasse de alguma forma, ao padrão branco de beleza. A problemática da identificação do negro com o branco ganha espaço.

"Porque o que o negro não assume que é negro. As colocações do negro são todas voltadas para o padrão branco"

Segundo este entrevistado (Tuco, publicitário em São Paulo), o negro teria ódio de si mesmo por ser identificado com tudo que é pobre, tudo que não oferece nenhum símbolo de status,

daí buscar falsos símbolos como o padrão branco de beleza ou mesmo a aproximação com pessoas brancas para alterar o fato.

Para Maria Paula, estudante do primeiro ano do curso de Filosodia da Universidade de São Paulo, o negro não teria uma identificação com a normalidade na medida em que não seria retratado desta forma. O corpo negro não seria imaginado dentro de uma roupa nova que viesse a ser lançada, a família negra não é vista publicamente como uma família **normal**.

A ausência da normalidade no tratamento dos sujeitos negros geraria pessoas anormais que negariam seu corpo na busca de identificação com a fonte de negação. De qualquer forma, o problema da negação de si se apresenta da forma mais clara possível através destas falas. Mas por que o problema da beleza mobiliza o homem (negros ou brancos)? Porque a beleza é um valor, é símbolo de poder, esperança de aceitação e por tudo isso, meio de sedução. Isso nos remete à estória de Narciso.

O mito de Narciso nos narra a estória de um jovem sedutor por sua beleza que, rejeitando os favores das ninfas e deuses se apaixona por sua própria imagem caindo em desgraça e findando por morrer sob as águas da fonte onde se via refletido.Narrado ao

longo da história, o mito de Narciso ganhou inúmeras outras vves tes, uma delas nos interessa agora, a presente no livro de Oscar Wilde, O Retrato de Dorian Gray.

Para quem conhece a história não é difícil associar a a problemática do duplo e do Narciso ao texto de Wilde. Dorian Gray era um belo jovem que fez um pacto demoníaco pelo qual ele nãonên velheceria jamais, ao passo que, um retrato seu receberia todos os desgastes dos anos, todas as rugas e o peso de suas ações imo rais. O retrato era o duplo de Gray, sua alma negativa,aquele que pereceria por seus pecados, seus desvios e defeitos enquanto ele manteria a pureza da perfeição retratada em seu rosto eternamente jovem. Um paralelo com este texto nos faz pensar no caráter de du plicidade existente na relação entre brancos e negros, pensar em seu caráter narcísico.

O negro, sendo símbolo de negação do branco, da ausên cia de beleza, da ausência dos valores nobres, não seria o equiva lente formal do duplo que reflete o lado ruim para que o lado bom se manifeste em liberdade?

Se recorrermos aos estudos elaborados até o momento, po deremos verificar que a identificação do negro com as baixas pai

xões, com as coisas vis, os pecados humanos, sempre favoreceu , por outro lado, a elevação imediata do branco (não enquanto indivíduo, mas enquanto raça). Se o negro, no geral, significa todo o feio, o branco, em geral, significará todo o belo. Duas faces da mesma moeda, opostos que se completam? Talvez, os fatos não se apresentem de forma tão simples como agora.

O problema do duplo é também o problema do Narciso, daquele que procura relacionar-se com a sua própria imagem, com o igual. Psicanaliticamente, sabemos que a fase narcísica pela qual todos os seres humanos passariam é aquela marcada por um enorme egocentrismo, onde, através da percepção de nosso corpo e de nosso espaço, identificamos tudo conosco e nós mesmos com tudo. Esta fase seria superada pela descoberta do outro e pelo amor desta figura outra que se apresentaria a nós. Narcisismo, portanto, estaria vinculado ao amor de si. superado

Considerando o negro como o duplo do branco, o seu outro eu, não seria estranho verificarmos a transferência que o sujeito branco faz de suas afecções negativas para a figura deste outro ser. Afecções humanas, mas das quais se deseja ter distância por considerá-las inferiores. A distância que o branco impõe

em seu relacionamento com o negro se deve ao desejo de distanciar-se dessas características negativas depositadas por ele, pela força da ideologia, no ser de todos os sujeitos negros.

E no tocante ao negro? O que será que podemos compreender quando ouvimos de alguém a frase: "O negro se odeia". Deveríamos compreender que o sujeito negro seria incapaz de nutrir amor por si mesmo? Que o sujeito negro não seria capaz de identificar-se com sua própria imagem? Não haveria Narciso negro?

Nós acreditamos que existam narcisos negros, muito embora a sociedade se esforce para retirar o direito do sujeito negro a uma fase narcísica normal fazendo com que ele não possa identificar-se com sua própria imagem e torne-se incapaz de amar-se a si mesmo. POdemos esboçar, em linhas gerais, dois tipos de narcisos negros que vão corresponder àqueles comportamentos clichês anteriormente expostos. Há aqueles que desejam a negação e outros que buscam a identidade. Diante da marginalização imposta pela cultura ocidental branca, alguns negros assumem a diferença (o negro é diferente do branco) e se voltam para um outro universo negando opadrão estético e comportamental branco. A negação do mundo branco será a mola de impulso para a construção do

mundo negro nos moldes da África primordial. A beleza negra, aqui é a beleza negativa, sua positividade será o negativo do branco.

Outra forma de expressão do Narciso negro será aquela que se adequa inteiramente aos valores ocidentais brancos e busca se identificar com eles: uma identidade impossível. Buscando em si traços da estética branca e não encontrando, esses negros não constituir-se-ão em nenhuma positividade. Serão personalidades marcadas pela pura negação de si, negação da diferença que os afastam daquilo que desejam, negação do outro que não são eles e negação de si por não serem o outro.

Tradicionalmente, o negro sempre foi tido como corpo. Corpo mercadoria, corpo objeto. Um ser concreto e isento de abstrações, um corpo sem alma, sem intelecto. Mas não era e não é um corpo qualquer. É um corpo que difere dos outros pela cor. Por essas duas razões (a concepção racista que diferencia negros e brancos e a decorrente identificação do negro com as afecções corpóreas e, portanto, inferiores), a imagem do negro será imagem diferente (de um corpo diferente), a imagem corporal (de um corpo sem alma). Estando essas imagens, essas concepções, dispersas no mundo social e, sendo a imagem de si idêntica ao pensamento que elabora

mos de nós mesmos a partir da linguagem que traduz as cristalizações sociais (ausentes de contradições) como vácuos de discurso e de memória (os clichês), de que forma o sujeito negro poderia pensar-se a si mesmo e elaborar uma outra imagem de si que não se baseasse nestas categorias já estabelecidas? Como o sujeito negro pensaria a si mesmo senão a partir da ótica e da linguagem branca, dominante, outra, estereotipadora, transmitida pelos próprios pais, pela mãe também confusa e perdida entre os emaranhados do racismo brasileiro, linguagem aprendida nas escolas, entre "colegas", veiculada pelos meios de comunicação?

Os clichês são formados a partir das próprias relações sociais plenas de preconceitos. Se o negro se odeia, como poderá fazer com que os outros negros aos quais gera, educa, socializa , cresçam sem odiar-se também? Como fazer com que o outro preencha o vácuo da memória com os fatos que demonstrem a origem do ódio permitindo que ele passe, então, a se amar? Cito, mais uma vez, o entrevistado Tuco: "O negro não se gosta, não é possível resolver um problema social, tá, sendo que o cara se odeia". O problema racial implica em afeto, em amor, é um problema narcísico.

Inúmeras resoluções foram apresentadas para resolver-se

o problema da não aceitação social do negro. Apresentaremos alguns pontos de vista.

1- A maçonaria

"Até conseguirem me provar o contrário, eu sou muito teimoso. Até conseguirem me provar o contrário, o que movimenta a sociedade é o padrão econômico. Você...depois que você tem um certo padrão econômico, o que te movimenta é poder, mas isso é preciso ter muita grana pra poder pirar (...) A identidade do negro ainda é identidade do escravo, ainda é identidade da força bruta(...) A melhor saída é formar uma maçonaria pra ter um lobby,pra ter uma imposição social, pra cobrar lugares assim de negros, qualquer coisa de nível político,político e econômico. Você conseguiria isso com uma minoria relativamente esclarecida!"

Tuco, publicitário, São Paulo

2- A militância cultural

"(...)sintetizando, esse trabalho que a gente faz aqui é um trabalho de zona libertada, é como se a gente tivesse ocupado militarmente o centro de Salvador e aqui processasse uma cultura, humanização, uma consciência política numa área que precisamente vai ser um país. Aqui está se formando futuros embaixadores,

futuros ministros, futuros dirigentes políticos, porque eles têm uma educação diferenciada, isso com relação aos políticos é muito diferenciada. Menino daqui sabe o que é apartheid, o que é Nelson Mandela, sabe o que é São Paulo, o que é Rio de Janeiro, Alagoas, sabe o que é seca, sabe o que é Recife."

João Jorge, diretor do Olodum, Salvador.

3- O não ao comodismo

"(...) eu acho que o papel do negro dentro da sociedade brasileira é que ele saia dessa letargia que ele se acomodou."

Sick, estudante da Mauritância.

"(...) o negro precisa se libertar disso aí, isso eu chamo liberdade, que nem tem o movimento de negros, que eu estava falando agora há pouco aí, eu não participo, sou negro e não participo de um negócio desse porque 70% dos negros não tem a visão que eu tenho. Acho que o negro deveria se empenhar na sociedade, na forma de se evoluir profissionalmente, não se prender a escola de samba, bebida, pagode, é...bailinho de garagem, eu não me ligo nisso."

Billy Joel, cabeleireiro, São Paulo.

4- Conscientização em família

"A minha mãe e a gente dá muito conselho, a gente diz: 'Olha, ninguém é melhor que ninguém'. Minha mãe cansa de dizer , ela diz assim 'quando a gente morre, nem o cabelo da gente fica, não é porque você tem esse cabelo liso, essa cor, você vai querer ser melhor que seu irmão, todo mundo é igual!. Uma vez mesmo eueu deixei ela sem tomar café porque eu botando café e tudo para irir para a escola, eu botei no copo do meu irmão, ela disse: 'eu nnão vou tomar no copo desse nego preto'. Falou bem assim. Aí eu dis se: 'Mãe, a senhora não vai botar no outro caneco, ela vai tomar nesse'. Aí ela disse: 'Eu não tomo'. Eu deixei de ir para a esco la porque eu sabia que ela ia dar outro café, então eu deixei ela comer pão seco, mas não dei outro café para ela aprender. Então , agora, eu acho que ela está melhorando, mas mesmo assim ela d dá uma..."

Teresinha, faxineira, Salvador.

5- Trabalho, educação e cultura

"O próprio preconceito do negro, tanto que tem precon ceito do lado do branco quanto do próprio negro. Ele se inclue um ser inferior, ele acha que não tem oportunidade, ele acha que nun ca vai atingir uma faculdade, ele acha que todas as barreiras são

barrados. À medida que ele tiver força de vontade, conscientização e que ele se empenhar e ganhar espaço que ele tiver direito, as coisas se tornam bem mais fácil."

Arlete, cabeleireira, São Paulo.

"Existe o cara que usa uma roupas extravagantes,uns óculos assim bem atrativos, sei lá, deixa uma barba crescer, um cabelo crescer, então esse cara já se distanciou da sociedade, em se tratando de ter atividade. Aí, ele se diz artista, aí faz uma coisa diferente, esse cara já está criando aquele lance de marginalização porque , de cara, o pessoal não aceita se você fugir daqueles padrões já determinados, o pessoal não te aceita(;;;)Então esse cara não é aceito, ele se diz também rastafari, ele não sabe se rastafari é uma ideologia, um modo de vida, ele não sabe o que é rastafari,ele só viu um cara assim...aí mistura tudo(...)Porque se partir por um outro caminho, um caminho até mais fácil de ser uma pessoa comum, eles dizem que é política de embranquecimento, você está fazendo o jogo do branco, 'tem que ser negão', e não é por aí."

Pina, estudante, Salvador.

"Eu acho que o negro precisa muito estudar, evoluir.Ele

tem que demonstrar no dia a dia, não é uma manifestação de uma hora que vai virar a cabeça de ninguém. Não, ele tem que estudar e demonstrar no trabalho. Eu mesmo aqui, eu sou vigilante daqui. Eu faço trabalho, por exemplo, eu faço Imposto de Renda, aqui tem um monte de doutores, pessoal de nível superior, que mê dão trabalho para poder fazer o Imposto de Renda porque não sabem fazer. Eu aprendi só. Eu acho que todo mundo tem que fazer isso, quer dizer, eles não vão chegar pra mim e olhar, eles vão me olhar como umuma pessoa que sabe fazer alguma coisa. Já diminui mais ou menos."

Santos-Reis, vigilante, Salvador.

"(...) o que é triste aqui no Brasil, geralmente os negros, você vai concordar comigo, não tem isso, falou do últúltimo disco do Agepê, do disco da Alcione, parou aí(...) Talvez sejseja por isso que o cara vê uma branca que está na universidade, pepor que a gente além de namorar, tomar sorvete, comer pipoca, a gente pode discutir também, ok. A negra é muito difícil, ou então eu só encontro aquelas negras que não prestam."

Sick, estudante da Mauritânia.

De uma forma geral, as falas, que refletiam uma certa preocupação com a melhoria da situação atual do negro brasileiro,

podem ser classificadas em dois grupos:

1º- Daqueles que acreditam que a inserção do negro na sociedade através da apropriação de símbolos de poder, status ou mesmo através do poder econômico seria uma saída adequada. A educação, o conhecimento das normas culturais, a dedicação ao trabalho e a formação de grupos maçônicos seriam formas de se apropriar desses símbolos. Entretanto, tal visão de mundo não leva em consideração que a própria sociedade, tal como é estabelecida, impõe inúmeros valores que, em sua positividade, são o reflexo do cidadão branco, portanto, jamais poderão ser identificados com o cidadão negro senão à medida que este negue sua própria negritude. Se está configurado socialmente que, por exemplo, a beleza branca é a ideal, é um símbolo de status, ou se falar francês, dominar a cultura européia é o ideal de todo cidadão civilizado, um homem negro que deseje alcançar respeitabilidade junto a esta comunidade terá que se enquadrar dentro desses símbolos pré-estabelecidos. Terá que negar sua estética e a cultura africana de seus avós ou pais. Dentro desta perspectiva de tentar vencer aceitando-se as regras do jogo, corre-se o risco do comprometimento da identidade do negro com o mundo branco e com os valores brancos alienando-se de si

mesmo e dos traços culturais de origem africana dispersos no Brasil. A expectativa de que, simplesmente, a apropriação daquilo a que os brancos consideram importante, signos de poder, por si só rompa preconceitos e dissolva o racismo parece não considerar que a dinâmica do racismo no Brasil é transformar em igual aqueles que se igualam ao branco em nível de poder. Em outras palavras, faz parte da dinâmica racista aceitar certos indivíduos negros que ascendam socialmente conferindo-lhes o nobre título de negros de alma branca. Desta forma, o racismo se perpetua não sendo sequer arranhado em sua estrutura que apenas se fortaleceria com a ascenção de uma pequena parte da população negra que se identificasse com os valores brancos.

2º : daqueles que propõem uma grande ruptura com os valores brancos que são símbolos de dominação, com todas as instituições do regime dominador branco que se traduzam em meios de opressão à população negra. O estabelecimento de uma cultura que se desenvolveria paralelamente à cultura dominante, de uma educação paralela, seriam o substrato de uma nova ordem social que substituiria a esta. Dentro desta perspectiva, a identificação com os valores negros africanos livrariam os negros de uma identidade com a cultu

ra, estética, valores dos dominadores. Neste caso, a mudança não se daria em termos de ascenção social, mas de uma revolução, não haveria, portanto, nenhuma forma de comprometimento com a cultura branca e nem riscos para a identidade do sujeito negro. Todavia, a menos que se criem nações negras independentes e poderosas, como se desvencilhar da presença branca que, detentora do poder, impõe, pela força, seus valores? Sabemos que tal revolução social visaria uma repartição igualitária do poder, deveres e direitos : um verdadeiro socialismo. Não podemos, entretanto, deixar de nos perguntar se este regime extinguiria o racismo, se os negros se identificariam consigo mesmos numa nova ordem que lhes permitisse uma vida digna e semelhante a de todos os membros da mesma sociedade. O culto aos valores africanos bastaria para que se criasse a almejada identidade?

Afirmamos, anteriormente, que a relação negro-branco é uma relação de duplicidade. Assim, um só pode se afirmar pela presença do outro e vice-versa. A inexistência de um dos polos implicaria na anulação do outro. A relação negro-branco também é narcísica porque um tenta transformar o outro naquilo que deseja, a não concordância com esta regra implica no aniquilamento da pre

sença do outro. Entretanto, o que se revela aqui é que além da relação de duplicidade estabelecida com o branco, inevitável pois reflete a própria construção social, há, também, uma duplicidade presente no relacionamento entre os negros que se subdividem em grupos de coniventes e contrários ao sistema branco, identificados ou não com a cultura branca, alienados ou não alienados, também entre paulistas e soteropolitanos, entre África e Brasil.

"A cidade de Salvador já sabe que é negra."

João Jorge, diretor do Olodum, Salvador.

"(...)porque a vida mesmo, o povão mesmo também não pode parar pra se preocupar tanto com esse lado, tá entendendo, de racismo. Todo mundo quer batalhar, sabe, é um país de 3º Mundo, como dizem mesmo que é um país, sabe, subdesenvolvido, então, todo mundo quer mais é batalhar pra conseguir alguma coisa. Então cê tá preocupado com trabalhar o dia a dia, o povão, a massa tá preocupado com o aluguel, com o alimento, com os filhos, com a escola, com o estudo, com alguma coisa, então você não pode, sabe, ficar preocupado muito com esse papo de racismo. Pinta, tal, a gente discute às vezes aqui mesmo no salão, mas você não pode entrar de cabeça porque a sua vida não é só essa."

Arlete, cabeleireira, São Paulo.

Embora sejam os mesmos soldados e o fim também seja o mesmo (vencer o racismo), as estratégias de combate se diferenciam. Em Salvador, a busca de raízes africanas, o choque frontal com o indivíduo branco racista e uma cultura que não valoriza o componente africano cria, de fato, uma guerra entre negros e brancos. Nas palavras de João Jorge há uma guerra sendo travada no umbigo do Brasil entre brancos e negros, guerra esta que só pode terminar pela independência da Bahia à exemplo do Haiti. Em São Paulo, a identificação com as raízes africanas é esboçada de forma mais sutil e a palavra guerra sequer foi mencionada. O conflito se reduz ao fator econômico, desta forma, o fator racial se perde, o negro cede lugar ao pobre, algo que parece ficar transparente na frase de Tuco: "(...)numa sociedade de comércio você tem que ter o cachorro pra chutar, antes era o negro e agora é o nortista".

O "nortista", o nordestino migrante viria substituir o papel do sub-empregado anteriormente desenvolvido pelos negros. Seriam eles os pobres e "nós", "nós", aqueles que estamos ascendendo. Mas, os nordestinos não seriam também, em grande parte, negros? A

transferência do valor negativo a um outro quer seja ele o negro de São Paulo, o negro do norte do país, ou os brasileiros na visão dos africanos, ou os africanos na visão dos brasileiros ou todos os negros na visão dos brancos faz com que se estabeleça uma categoria do outro despossuído dos valores que nós possuímos, um outro ruim, oposto, incompleto que se separaria de nós: bom, melhor, completo.As categorias baseam-se na existência deste outro despossuído de "minhas" qualidades; díades como bem-mal, melhor - pior, corpo-alma, sujeito-objeto, têm suas raízes na crença de que existem categorias opostas que se completam. Entretanto, essa crença sustenta, também, a existência de valores negativos e positivos atribuídos a um e outro polo do composto. Desta forma, o branco pode ver o negro como seu complemento braçal, inferior. Quando um sujeito negro diz: "eu sou bom, mas aquele outro negro é mau", ele se inclue numa corrente de duplos onde um representaria o polo positivo e o outro o polo negativo.

Não seria arbitrárioafirmar que existem várias facetas para o mesmo problema de identificação do negro com sua própria imagem. Oprimeiro deles circundaria a desconsideração que os sujeitos negros sofrem por parte de uma sociedade racista que dificul

ta a vivência de uma relação de amor consigo e com seus iguais;um outro fator seria o da identificação com o outro, o duplo que se encontra na figura do sujeito branco que o levaria a uma rejeição total de si e ainda há a negação parcial de si que ocorre através da doação de valores negativos a outros negros que não sejam "eu" ou que não possam ser identificados com "os meus". Todas essas faces que podem ser encontradas em indivíduos diferentes ou no mesmo indivíduo refletem a mesma coisa: uma dificuldade que as pessoas negras encontram para identificar-se consigo mesmas.

A beleza do negro, o amor de si não se separa do problema social, do problema econômico, dos problemas concernentes ao poder; desta forma, para que o negro sinta-se belo e ame-se a si mesmoseria preciso muitomais do que um espelho, seria preciso que ele fosse aceito integralmente enquanto cidadão, que sua história não fosse negada, desvirtuada, que caísse a barreira que separa o "nós" e os "outros". Se alguma solução é possível para que se possa sair desta aporia, acreditamos, como já foi demonstrado ao longo de todo este texto, que ela se encontre na forma como o sujeito negro representa a si mesmo, nos elementos disponíveis desde o seu nascimento até a sua morte que possibilitem uma represen

tação adequada de si, livre dos conflitos que possam impedi-lo de amar-se a si mesmo da forma como for, sem clichês, sem comportamentos impostos, sendo apenas o que pode ser. Ainda podemos estabelecer outras inúmeras questões que nos levariam a identificar um problema interno/ externo à família negra, interno e externo à comunidade negra, pois esta linguagem que sustenta a prática de negação do homem negro circulada por todos os lugares, sem bloqueios, tornando, muitas vezes, nossas palavras em prenúncios de nossa própria morte.

Já não é momento de silêncio. Com a palavra nós, os tantos Narcisos negros.

BIBLIOGRAFIA

BANTON, Michel - A IDÉIA DE RAÇA. Lisboa, Edições 70, 1977.

CHAUI, Marilena - CULTURA E DEMOCRACIA, SO, Editora Moderna, 1981.

DUARTE, Francisco - O QUE É BELEZA, SP, Brasiliense, 1986.

FORRESTER, John - A LINGUAGEM E AS ORIGENS DA PSICANÁLISE, RJ, Imago, 1983.

FREUD, Sigmund - "Projeto Para uma Psicologia Científica" in EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA DAS OBRAS COMPLETAS DE FREUD, RJ, Imago.

FREUD, S. - A INTERPRETAÇÂO DAS AFASIAS, Lisboa, Edições 70,1977.

LAPLANCHE, Jean - TEORIA DA SEDUÇÂO GENERALIZADA, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

Lorenzer, Alfred - EL LENGUAJE DESTRUÍFRO Y LA RECONSTRUCCIÓN PSICOANALÍTICA, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1977.

Lorenzer, Alfred - BASES PARA UNA TEORIA DE LA SOCIALIZACIÓN, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1976.